

Psicanálise em extensão e extraterritorialidade

A convocação deste Colóquio Internacional de *Convergência, Movimento Lacaniano para a Psicanálise Freudiana*, que hoje se realiza em Nova York, Estados Unidos, precipitou um debate muito importante aos colegas de três instituições argentinas: *Círculo Psicoanalítico Freudiano, Encuentro Clínico Lacaniano. Asociación Psicoanalítica . Rio de La Plata e Escuela de Psicoanálisis de Tucumán*. Depois de nos questionarmos sobre a formulação do título do Colóquio: "Bordas: Psicanálise e Deslocamento" e haver rastreado referências através de e-mails, encontramos um parágrafo da Convocatória onde se menciona que o título é proposto a partir de temas discutidos na Comissão de Enlace Geral, Paris 2019. Na ocasião, o eixo temático girava em torno de uma diferença estabelecida e aceita entre cultura e civilização. Esperamos então que esta Exposição que estamos apresentando e compartilhando com vocês hoje se aproxime, bordeie os propósitos que a motivaram [1].

Dentro da psicanálise podemos considerar dois aspectos em relação às bordas. As bordas dentro da psicanálise e as mesmas para fora. Permita-nos fazer uma breve pontuação mencionando alguns dos fatos da história da psicanálise que têm a ver com bordas. Lá por 1902, surgiram as reuniões informais das quartas-feiras no consultório de Freud onde um grupo de jovens médicos se reunia para aprender, praticar e divulgar a psicanálise. Foi necessário formalizar essas reuniões a partir do Congresso de Nuremberg de 1910, onde foram estabelecidas as primeiras regulamentações, as primeiras "bordas".

Essa institucionalização pode ser considerada como uma forma de enquadramento de uma prática e coincide com um momento de expansão da mesma já que, ano após ano, Sociedades Psicoanalíticas foram sendo fundadas em diferentes cidades europeias e americanas. Este crescimento não se desenvolverá sem conflitos, tanto internos quanto externos. Nossa prática era chamada por Freud de "a peste" e vai surgir um confronto com a Sociedade Médica que sente essa expansão como uma ameaça. Só os médicos podem exercer a psicanálise, questão que se discute fora e dentro do movimento.

Outra forma de "borda" que se apresenta como uma questão de legalidade, a questão da titulação. Quem autoriza ao analista? Estamos em 1926, e Freud responde com um texto sobre "A questão da análise leiga", enviando sinais para os seus e para outros. Freud se ocupa de abrir, "mover a borda que implica a obrigatoriedade de ser médico" para a prática da psicanálise.

Poderíamos perguntar se sob esta questão de "leiga sim, leiga não", já estava em jogo o que Lacan dirá em relação à autorização do analista? Podemos dizer que a questão das bordas dentro do movimento tem sua história e o interessante é que ainda hoje seguem nos interrogando. Bordas, como fronteiras da psicanálise, servem para considerar o que é a psicanálise em sua vinculação e diferenciação com outros discursos e práticas. Bordas que, em parte, possam ser necessárias ressaltar para não confundir a psicanálise com o que ela não é, mas, também, quão necessário possa ser rever como ela tem sido permeável aos discursos como o da filosofia e da psicologia, que tem "atravessado suas fronteiras na ida e na volta". No entanto, Freud se interessou em construir pontes com outras disciplinas, considerando que a prática da cura não era a única possibilidade da psicanálise. Vemos claramente em sua obra através das investigações que, desde a psicanálise, levava adiante na análise das pinturas e esculturas tanto em Leonardo Da Vinci como em Moisés de Michelangelo ou, na literatura em Hamlet de Shakespeare. Esses são alguns, entre tantos, dos grandes legados da cultura universal. Ficam em aberto as interrogações e especulações a partir da obra de Lacan sobre a "psicanálise aplicada" freudiana, mas essas mesmas considerações podem se referir à sua análise do próprio Hamlet ou da obra de James Joyce.

Embora a "borda" convoca que a ideia de espaço se faça presente, o tempo também deve ser considerado, ou seja, os processos que na história da psicanálise foram se deslocando e se modificando de acordo com os debates conceituais ocorridos e também de acordo com as questões da institucionalidade da psicanálise, e do que provinha da vida em sociedade como o "American way of life". Com isso, a teoria e a prática psicanalíticas foram "atualizadas", e também a função do analista e a imagem (i (a)) que o analista faz dela, tributária do Eu Ideal, e da idealização. Qual modelo de analista foi sendo construído? As bordas que nos interessam aqui são aquelas que se referem ao modo como a psicanálise se relaciona com as questões sociais, com as disciplinas que se ocupam destas, com os acontecimentos como reais, sobre os quais cabe ou não dizer algo? Referimo-nos a questões que não são as do dispositivo analítico da cura, embora aí seja possível verificar a incidência do que acontece em toda sociedade, na cultura.

Em seu Seminário "A Ética da psicanálise", Lacan destacou que no modo de consulta, aquele "American way of life" estava presente. Questão que Lacan também leva em consideração em seu artigo "Situação da psicanálise e formação do psicanalista em 1956", ao se referir especificamente aos analistas e à Instituição Psicanalítica Internacional (IPA) e suas filiais. Na Conferência XXIV, Freud sustenta que a psicanálise como uma técnica é aplicada a diferentes assuntos. Perguntamo-nos: há consenso com essa afirmação de Freud? Parece haver um consenso de que a psicanálise é uma prática de cura. Sobre outras possibilidades, aparecem as cautelas e rejeições sustentadas nas afirmações sobre o que é e o que não é a psicanálise e o analista. Não só o interesse da psicanálise por outros discursos foi desde o início, como também esses outros discursos contribuíram para a construção da psicanálise: também os debates sobre a relevância de se ocupar com questões de política, de sociedade, foram iniciais. Uma forma de "preservar a psicanálise" se desenvolveu como um notável desprezo pelas questões sociais conflitantes de hoje. Uma forma de indiferença não só em relação ao que poderia corresponder à psicanálise nesse campo mas também, em relação ao que a psicanálise poderia obter conceitualmente e na prática. No entanto, paradoxalmente, ao passar pela *Ata de fundação da Convergência* e pelo *Adendum III*, perfila-se o seguinte, em relação a três questões que seguem uma linha que seria interessante investigar:

Primeira citação da Ata: "Será também importante oferecer aos psicanalistas assim reunidos a possibilidade de constituir uma força política capaz de apoiar sua inscrição social nos diferentes contextos onde seu ato toma lugar". Coloca-se a seguinte interrogação: Isso marca uma borda? Se sim, qual seria? É sobre a relação do discurso da psicanálise com outros discursos? Segunda citação da Ata: "Estamos também inspirados pela necessidade de encontrar, enquanto psicanalistas, uma réplica adequada às novas formas que o mal-estar na civilização toma hoje". Mas ... O que significa encontrar uma "réplica adequada" da psicanálise, visto que outras questões surgem aqui? Seria uma questão de poder responder a partir do que a "psicanálise nos ensina", a esses mal-estares? Em todo caso, de que forma o "abordaríamos" (se "borda" se trata) e como o "poríamos em ato", a partir das Instituições de Convergência? A pergunta não só não é vã, mas implica também a urgência, a urgência da demanda, visto que na Terceira cita, no *Adendum II* da *Ata de Fundação*, está expressamente declarado que: "No caso onde a situação política for urgente, Convergência responderá sem tardança". Vários dos pronunciamentos feitos ao longo dos anos, a respeito do DSM IV, foram feitos ad referendum dessa ata votada em 2002. Mas se for esse o caso, por que retornar a essas referências? Porque hoje ainda são válidos, pois são assuntos que nos preocupam e requerem ser postos em discussão permanentemente. Em nossos debates nos perguntamos se somos nós os analistas com nosso próprio nome ou as instituições, das quais somos membros, quem tem que dar resposta. Não se faz necessário que nós analistas repensemos essas questões, dentro do Movimento? Talvez nas próprias instituições psicanalíticas não tenhamos conseguido realizar um trabalho de discussão autêntica sobre essas questões. As instituições geralmente estabelecem algumas convenções coercitivas que são impostas na forma de "mandatos a ser apoiados por seus membros", por exemplo: "sobre o que devemos falar e sobre o que não!" A

ameaça do científico ideológico está presente como um freio. Há temas em psicanálise como as Fórmulas de Sexuação centradas na função de "exceção" e o "Não-Tudo", onde a formalização lacaniana contribui para a lógica do inconsciente freudiano, o rigor da formalização lógica matemática, descentra a versão fantasmática, "pseudo-científico e caricatural", do significante fálico como pênis. Essa contribuição da psicanálise acaba não se configurando institucionalmente em algumas geografias, como no debate social com grupos feministas, que se encarregam da gestão de uma política. Não se possibilita certo esclarecimento do sujeito desejante que habita o ser falante, intervindo assim sobre o que a ciência médica estabelece no nascimento, quando outorga a atribuição de gênero. A falta deste debate, necessariamente, deixa relegado mais uma vez, o campo da Saúde Mental (clínica hospitalar, centros de saúde, clínica psiquiátrica....) para o patrimônio do saber médico ou psicológico.

Em 2018, foi elaborada uma ata em Tucumán (Argentina), em reunião da Comissão de Enlace Geral, que reafirma a necessidade de que as Instituições realizem esses pronunciamentos. Embora a Ata seja, por um lado, muito clara no que diz respeito às questões que sugere às Instituições que se pronunciem, a questão das bordas, das fronteiras, dos limites, (se usarmos estes conceitos de forma vulgar e indistinta como sinônimos), entra em choque com as ideologias políticas dos psicanalistas, que se apresentam como uma "borda", uma "fronteira", um "limite intransponível" entre eles, convocando uma dimensão que percorre os caminhos da agressividade imaginária, e do odioamoramento [*hainamoration*], como sinal áspero e nebuloso do que está "foracluso", "que não se permitiu ser do real". Talvez nós psicanalistas devêssemos nos questionar seriamente sobre nosso "didático", isto é, sobre nossa própria análise (intenção), e nos perguntar em que medida a ideologia edipiana, "facticidade simbólica" (como Lacan costumava chamá-la em sua "Proposição de outubro 9 de 1967") nos limitou a muitos analistas, focando nossa análise em identificações imaginárias e no Pai Ideal, fomentando, sem saber, os fenômenos de liderança e de grupo nas Instituições, promovendo duas estruturas de grupo que são modeladas no Exército e no Igreja e onde a obscenidade imaginária ameaça o trabalho e a produção. Não são essas duas facticidades, a simbólica e a imaginária, as que, segundo Lacan, limitam decisivamente "nossas relações com o exterior, ou, mais exatamente, a nossa extraterritorialidade"? [2]. Lacan afirma na *Proposição* que a ciência positiva, assim como a medicina, é o que a família pequeno-burguesa carrega nas sociedades, sem a menor notícia disso. Ou não é neste sentido que Lacan fala aí de uma factualidade real, muito real, onde na horrível e perversa experiência dos campos de concentração, naqueles crimes contra a humanidade, vemos emergir "a reação de precursores em relação ao que se irá desenvolvendo como conseqüência do remanejamento dos grupos sociais pela ciência, e, nominalmente, da universalização que ela ali introduz". Lacan afirma: "Nosso futuro de mercados comuns encontrará seu equilíbrio numa ampliação cada vez mais dura dos processos de segregação" [3]. Foi decididamente em relação à idealização - questão central para abordar o sujeito suposto saber na transferência - e aos fenômenos grupais nas Instituições, que Lacan articulou um dispositivo de "borda", que chamou de "dobradiça", o Cartel, e decididamente o preferiu para que todos pudessem ingressar na Escola Freudiana de Paris, fundada por ele em junho de 1964. Queremos apenas indicar aqui as formalizações-chave que Lacan nos deixa como testemunho em sua vasta obra, colocando um limite retumbante à psicologização do Inconsciente, à segregação que existe devido aos gozos do Sujeito e que são do real: a) o Cartel com a função +1 (conjunto vazio), que encarnado, ou não, dá um dos efeitos de Sujeito, do trabalho e do produto de cada cartelizante. b) Sua outra grande invenção (além do *objeto a*): o discurso analítico, do universitário, do Mestre e o discurso histórico. O Discurso do Analista aquele novo modo de vínculo social que ele inventou, para abordar aquele "impossível de dizer e escrever que é o real", "Não há relação sexual", e que possibilitou à psicanálise encontrar acomodação na ciência lógico-matemática, fora do imaginário-simbólico, onde apenas se produzem significantes e significados. É a partir daqui também que a "impossibilidade do real" é abordada a partir da Topologia e da teoria dos Nós, do não-Tudo, das fórmulas da Sexuação, do *Sintome*. Lacan dirá em seu Seminário 20 "Ainda" (1972-73), a respeito do texto freudiano O

mal-estar na civilização, que o mal-estar a que Freud se refere é que “A única Verdade buscada é aquela que possa por um limite ao gozo.” [4].

[1] Questões sobre a psicanálise, seus limites e as possibilidades de extensão nos problemas atuais da sociedade.

[2] Lacan, J. “Proposição de outubro 9 de 1967”

[3] Ibid.

[4] Lacan, J. *O Seminário, livro 20: Mais, ainda*

Referências bibliográficas:

Freud, Sigmund:

-“Conferências introdutórias sobre psicanálise” *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*, vol. XVI. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

-“A questão da análise leiga”. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, vol XX, Rio de Janeiro: Imago, 1969.

Lacan, Jacques:

-“Situação da psicanálise e formação do psicanalista em 1956”, *Escritos*

- *Seminário A ética da psicanálise*

- “Proposição de outubro 9 de 1967”

-“Ata da Fundação, 1964”

-“Televisão” e “Radiofonia”, *Outros escritos*

-*O Seminário, livro 20: Mais, ainda*

Otros textos:

- Ata de fundação de Convergência Movimento Lacaniano para a Psicanálise Freudiana

- Addendum I ao ata de fundação

- Addendum II ao ata de fundação

- Ata da Comissão de Enlace Geral, Tucumán, 2018

- Ata da Comissão de Enlace Geral, Paris 2019

- Questões sobre a psicanálise, seus limites e as possibilidades de extensão nos problemas atuais da sociedade.

A redação do texto "Psicanálise em extensão e extraterritorialidade" foi realizada por Guillermo Ferreiro (CPF), e é o produto de:

1.-Seis reuniões e debates sob o título do Colóquio Internacional de Convergência "Bordas: Psicanálise e Deslocamento", dos quais participaram os seguintes analistas:

Jorge Risso (CPF), Carolina Fábregas Solsona (CPF), Marcela Ospital (CPF), Guillermo Ferreiro (CPF), Cecilia Domijan (ECLAP), Milva Fina (ECLAP), Liliana Chiappini (ECLAP), Pablo Vallejo (EPT), Elsita Nader (EPT), Virna Correa (EPT) e Mariano Paz (EPT).

2.-Textos e notas de :

Milva Fina (ECLAP), Liliana Chiappini (ECLAP), Virna Correa (EPT), Pablo Vallejo (EPT), Elsita Nader (EPT) e Guillermo Ferreiro (CPF).